

Margarida Calafate Ribeiro
Silvio Renato Jorge
(Orgs.)

Literaturas Insulares: Leituras e Escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe



Edições Afrontamento

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IC INSTITUTO
CAMÕES
PORTUGAL

Título: Literaturas Insulares: Leituras e Escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe

Organização: Margarida Calafate Ribeiro e Silvio Renato Jorge

© 2011, Margarida Calafate Ribeiro, Silvio Renato Jorge e Edições Afrontamento

Imagem da capa: «Ancoradouro» (*Le wharf...*), fotopintura de Tony Soulié [in *São Tomé, le rêve africain*, Paris: Au même titre éditions]

Edição: Edições Afrontamento / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Textos/92

N.º de edição: 1392

ISBN: 978-972-36-1180-9

Depósito legal: 330753/11

Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

Julho de 2011

Apresentação

Literaturas Insulares: leituras e escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe reúne um conjunto de textos que têm por objeto as literaturas produzidas nos referidos arquipélagos africanos que, para além de terem vivenciado por longo período as contradições do colonialismo português – e se entrelaçarem pelas relações por ele geradas –, guardam proximidade em virtude da presença constante do mar como elemento circundante, a estabelecer margens e passagens. Ilhas, camonianamente vistas como possíveis paraísos, mas rapidamente transformados noutros espaços, em «infernos» pela atuação dos colonos, navegadores, aventureiros, negreiros, piratas, e pelos agentes do poder colonial com todas as suas contradições, violências e precário desenvolvimento. Mas ilhas, apesar de tudo, e portanto cercadas por um mar que as une e distancia. Poderíamos assim tomar os versos do poeta caboverdiano Jorge Barbosa, retirados de «Poema do mar», como uma espécie de pórtico para esta obra, capaz de iluminar um ponto de inflexão muito significativo para a proposta que nos levou à sua organização: a insularidade, a condição de ilhéu.

*O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!*

*O Mar!
cercando
prendendo as nossas Ilhas,
desgastando as rochas das nossas Ilhas!*
[...] (apud, Ferreira, 1989: 168-169)

A internalização do mar como elemento a cercear e corroer, ao mesmo tempo que se abre à distância e à possibilidade de trânsito, parece configurar uma hipótese de leitura importante para percebermos o quanto a matéria literária produzida nos dois países estabelece inicialmente um caminho voltado para a compreensão do que há de próprio nos respetivos processos de formação cultural, abrindo-se, posteriormente, a uma reflexão acerca do lugar ocupado por tais processos no espaço maior de África e, sobretudo, a de língua oficial portuguesa. Dessa forma, temas como a mestiçagem; a emigração, a partida para o «contrato» e o trabalho nas roças inserem-se nesse universo, sobretudo nas produções literárias que assinalam o início da maturidade de cada sistema literário nacional – a publicação da revista *Claridade* (1936), em Cabo Verde, e do livro *Ilha de nome santo* (1941), de Francisco José Tenreiro, no caso de São Tomé e Príncipe. Contemporaneamente estes temas desdobram-se numa reflexão mais alentada sobre os laços que estabelecem com o continente e aqueles traços que podem configurar uma perspetiva mais abrangente da africanidade, a contemplar firmemente matrizes seculares, sem abdicar, no entanto, do direito à posse de um património cultural mais vasto, decorrente do convívio muitas vezes violento e traumático com o colonizador europeu.

Essa perspetiva, se nos conduziu na organização do livro, estava também presente no colóquio sobre as literaturas de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, realizado no Centro de Estudos Sociais – CES, da Universidade de Coimbra, em que congregamos especialistas e escritores dos três países e que se constituiu, em essência, como a matriz para esta publicação e para o livro *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história* (2011), também publicado pela editora Afrontamento. «Foi naquela tarde em Coimbra, estava Luuandino», já o disse Conceição Lima, no poema dedicado a Odete Semedo em *O país de Akendenguê* (2011), ao recuperar literariamente um dos muitos momentos marcantes ali presenciados, momentos esses que tornaram evidente a importância de trazermos a público a diversidade de perspetivas com que os vários especialistas abordaram a literatura e a cultura das ilhas, além da voz dos escritores lá presentes.

Se concordamos com Amílcar Cabral, quando o pensador e político guineense afirma que as manifestações culturais, ao adquirirem um novo conteúdo e novas formas de expressão, tornam-se um poderoso instrumento de informação e formação política na *primordial* batalha pelo progresso (Cabral, 2008: 236), é porque também percebemos o texto literário como um produto que, profundamente marcado por elementos estéticos e subjetivos, não deixa de ser atravessado por traços que o constituem como um instrumento válido para a compreensão da sociedade em que é produzido e para a qual, em primeira linha, se destina. Ao publicarmos estes ensaios, propomos um percurso dialógico entre literatura, sociedade e política para

buscarmos, nesse diálogo, maior compreensão dos processos constitutivos da nação e da afirmação identitária e política dos seus cidadãos.

Assim, o livro abre com um artigo de Pires Laranjeira, em que o investigador português desenvolve uma consistente análise dos conceitos de identidade crioula e negro-africana para, partindo dos autores ligados à revista *Claridade*, alcançar uma reflexão acerca da representação da mulher nas literaturas dos dois arquipélagos. A relação do escritor com a língua, seja ela o crioulo, seja o português, a partir dessa perspetiva identitária, é um elemento fundador da sua leitura, que destaca, ainda, o valor que os conceitos de raça e mestiçagem podem adquirir em cada um dos espaços culturais e literários sob análise. Merece destaque o trabalho comparativo entre a poesia das santomenses Olinda Beja e Conceição Lima, no qual Pires Laranjeira enfatiza não apenas as distintas conceções de mestiçagem observadas nas duas produções, mas a própria posição das duas escritoras diante do uso do crioulo como língua literária.

A seguir, damos início a um trajeto semi-cronológico pela literatura de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe que encontra um primeiro marco no ensaio de Ana Cordeiro, intitulado «“Nós, caboverdianos”»: a representação da identidade nos textos literários do século XIX». Reconhecendo a escassez de produção crítica sobre a literatura caboverdiana do século XIX, Ana Cordeiro persegue o objetivo de investigar um variado corpus para testar hipóteses acerca da pertinência ou não de uma linha historiográfica que vê, na produção desse século, apenas a imitação de modelos europeus e de temáticas estranhas à realidade circundante, pois apenas lidas como decalques daquilo que se produzia em Portugal. A sua análise tem como horizonte fundamental a ideia de que a identidade nacional se constrói ao longo do tempo, em virtude de uma variada rede de circunstâncias e da consolidação de uma memória partilhada. Assim, para a ensaísta, as antinomias «filhos do reino»/ «filhos da terra», «brancos do reino»/ «brancos da terra», mais tarde substituídas pela antinomia «patrícios/ portugueses», mesmo sustentadas por uma visão que realçava a «portugalidade» das ilhas, contribuíram para interiorizar o sentimento de caboverdianidade posteriormente consolidado no século XX.

Também à volta dos jornais Inês Cruz traz-nos uma outra perspetiva. Não tanto a de ver nos jornais os indícios de uma literatura, mas de analisar estes jornais como espaços de informação. É a partir desta perspetiva que reflete sobre a importância da literatura na passagem do século XIX ao XX, como espaço de denúncia das situações sociais, da desigualdade, das fomes, reconhecendo-lhe um grande caráter opinativo e informativo que, insidiosamente, se vinha afastando das publicações jornalísticas de então.

Benjamin Abdala Jr., em «Utopia e Dualidade no contato de culturas: o nascimento da literatura caboverdiana», destaca o caráter separador da revista *Claridade*, publi-

cação que, segundo o autor, estabelece parâmetros para uma nova relação entre a literatura caboverdiana e os paradigmas literários da metrópole, respondendo às circunstâncias sociais e políticas constituídas a partir da década de trinta. O seu foco principal é o conto «Galo cantou na baía», de Manuel Lopes e a relação com a morna e a língua caboverdiana. O artigo de Abdala Jr., já publicado no Brasil em coletânea de textos do autor intitulada *De voos e ilhas: literatura e comunitarismos* (São Paulo, 2003), recebe aqui a sua primeira publicação em Portugal, o que contribuirá para a divulgação de seu pensamento acerca dos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. A revista *Claridade*, agora em diálogo com o romance *Chiquinho*, de Baltasar Lopes, também é objeto de «Que mundo?: Apontamentos sobre a receção e a circulação da literatura e cultura caboverdianas», de Ellen Sapega, que instigantemente interroga os protocolos de receção e crítica desta literatura e em particular desta obra, situando-a não só na sua época como hoje num mundo globalizado preocupado em contemplar nessa globalização também a literatura. A discussão teórica trazida por Ellen Sapega a partir das designações de «World Literature» e da polémica lançada pelo célebre manifesto, que tem vindo a adquirir estatuto de documento teórico, «Pour une Littérature Monde» – assinado pelos mais diversos nomes das literaturas escritas em língua francesa – traz uma outra leitura da clássica obra *Chiquinho*, bem como nos faz pensar sobre as matizes desta discussão quando aplicadas a universos específicos.

Do movimento claridoso à literatura contemporânea, prosseguimos a nossa proposta de leitura com os artigos de Elena Brugioni, Phillip Rothwell e Joana Passos, que investigando vertentes que dialogam com as teorias pós-coloniais e de género problematizam aspetos literários e culturais da poesia de Arménio Vieira e das escritas de Germano de Almeida, Orlanda Amarilís, Vera Duarte e Dina Salústio. Simone Caputo Gomes opta por assinalar as inflexões de outros discursos na literatura de Cabo Verde: a investigadora brasileira retoma o diálogo entre literatura, música e pintura para vislumbrar, no espaço caboverdiano, os seus «ecos identitários». O artigo «Dentro/ fora de Cabo Verde: literatura das diásporas caboverdianas», de Livia Apa, seleciona a prosa de Joaquim Arena e Jorge Canifa como objetos de uma reflexão acerca da literatura da diáspora: o primeiro vive e publica em Portugal – *A verdade de Chindo Luz* (2006), seu romance de estreia, obteve considerável sucesso; o segundo em Itália, escrevendo em italiano. Ainda que genericamente subjacente à cultura e literatura caboverdiana, a diáspora, surge aqui numa versão de poderíamos designar de segunda geração. E é a partir dessa perspetiva que a ensaísta, na senda dos escritores, reinterroga as experiências do desterro e da emigração, ao mesmo tempo que tece reflexões sobre a existência – ou mesmo a consolidação – de uma literatura da diáspora em Portugal e em Itália.

A terminar esta secção, encontram-se quatro artigos sobre poetas santomenses. Esta parte abre com um incisivo texto de Tomás de Medeiros sobre Francisco José Tenreiro a que se seguem dois textos sobre Conceição Lima. No primeiro deles, Jessica Falconi seleciona os poemas publicados em *O útero da casa* (2004) e *A dolorosa raiz do micondó* (2006) para analisar as estratégias linguísticas usadas pela escritora no sentido de reconstruir um espaço textual marcado pela multiplicidade de fronteiras. A seguir, Margarida Calafate Ribeiro analisa o seu último livro, *O país de Akendengué* (2011), e nele identifica a preocupação da autora em dar voz à sua dor de herdeira de gerações de sofrimentos e lutas para, nela, incrustar a dor maior dos seus antepassados e dos demais viventes. A finalizar esta secção, Silvío Renato Jorge recupera várias vozes poéticas de São Tomé e Príncipe, oferecendo uma entrelaçada leitura de Francisco José Tenreiro, Marcelo da Veiga e Conceição Lima.

A segunda secção do livro, a que demos o título de «Escrever as Ilhas», reúne uma coletânea de textos literários santomenses e caboverdianos. O primeiro deles, «As heranças da minha avó», de Inocência Mata, fica na fronteira entre o ensaio crítico e a crónica de memória e, por isso mesmo, estabelece a passagem de uma secção para a outra, abrindo o espaço para outros significativos escritores, de distintas gerações: de Alda Espírito Santo (*in memoriam*), matriarca da literatura de São Tomé e Príncipe, a Albertino Bragança, Armindo Vaz d'Almeida, Teles Neto, Olinda Beja, Conceição Lima e os caboverdianos José Luís Hopffer C. Almada e Joaquim Arena.

Na última parte desta obra, «Outras Palavras: a escrita e a crítica», trazemos uma tradução da peça de Jean-Yves Loude intitulada *Golpe de Teatro em São Tomé: Caderno de Investigação às Ilhas do Cacau* (2007), texto que obteve o prémio RFI e que encerra uma trilogia do escritor francês sobre a África de língua portuguesa (Loude, 1997 e 2003). A nossa intenção foi a de ampliar a receção das Ilhas para um espaço que ultrapassa a língua portuguesa, não apenas como objeto de análise crítica, mas também como espaço de escrita literária. Em seguida ao fragmento, um artigo de Anne-Marie Pascal apresenta o autor e a sua trilogia, revelando aspetos da sua sedução pelo espaço africano e problematizando os caminhos para a descolonização cultural.

Com *Literaturas Insulares: leituras e escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe* esperamos ampliar a discussão acerca das relações entre literatura, sociedade, cultura e política no universo dos países africanos de língua oficial portuguesa. Fecha-se, aqui, um ciclo que teve início com a publicação de *Lendo Angola* (2008), *Moçambique: das palavras escritas* (2008) e *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história* (2011), mas não se coloca um ponto final.

Margarida Calafate Ribeiro
Silvío Renato Jorge